



C A P Í T U L O 3

IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NAS FUNÇÕES DA INDÚSTRIA EDITORIAL LIGADAS À PRODUÇÃO TEXTUAL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.264112612013>

Carlos Alexandre Geovanini dos Santos

Acadêmico do curso de Comunicação Social: Produção Editorial
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Naura Letícia Nascimento Coelho

Professora substituta da disciplina LTV 1146 – Leitura e Produção
Textual II, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO : Presente desde a década de 1950, a inteligência artificial (IA) generativa recentemente adquiriu maturidade tecnológica, o que origina capacidades significativas, sendo capaz de otimizar os processos no mercado editorial, porém também levanta suspeitas quanto a uma possível substituição da criação humana. Assim, esta escrita apresenta uma pesquisa sobre os impactos dessa nova ferramenta tecnológica na indústria editorial, especificamente na produção textual, apurando sua influência no processo de escrita, além de mapear questões éticas e jurídicas subjacentes. Para tanto, utilizou-se os marcos teóricos aplicados ao meio editorial propostos por Haslam (2010) e Thompson (2013). A pesquisa foi operacionalizada segundo método descritivo, de abordagem qualitativa, por meio de um questionário aberto aplicado às três ferramentas de IA mais populares (*Chat GPT*, *Gemini* e *Copilot*), cujas perguntas foram fruto de análise crítica da literatura acerca do tema. Por fim, foi possível concluir que, quando bem utilizada, a IA pode se tornar uma aliada na democratização da literatura, promovendo a inclusão de novos autores e diversificando a produção literária. No entanto, para que isso ocorra de forma sustentável, é fundamental que políticas claras sejam adotadas, garantindo que a tecnologia sirva como um mecanismo de suporte, e não de substituição da criatividade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria editorial. Inteligência artificial. IA. Mercado editorial.

Impactos de la Inteligencia Artificial en las Funciones de la Industria Editorial Relacionadas con la Producción de Textos

RESUMEN: Presente desde la década de 1950, la inteligencia artificial (IA) generativa ha adquirido recientemente una madurez tecnológica que le otorga capacidades significativas, siendo capaz de optimizar los procesos en el mercado editorial; sin embargo, también suscita dudas respecto a una posible sustitución de la creación humana. Así, este escrito presenta una investigación sobre los impactos de esta nueva herramienta tecnológica en la industria editorial, específicamente en la producción textual, examinando su influencia en el proceso de escritura y mapeando las cuestiones éticas y jurídicas implicadas. Para ello, se utilizaron los marcos teóricos aplicados al ámbito editorial propuestos por Haslam (2010) y Thompson (2013). La investigación se llevó a cabo mediante un método descriptivo, con un enfoque cualitativo, a partir de un cuestionario abierto aplicado a las tres herramientas de IA más populares (ChatGPT, Gemini y Copilot), cuyas preguntas derivaron de un análisis crítico de la literatura sobre el tema. Finalmente, se pudo concluir que, cuando se utiliza adecuadamente, la IA puede convertirse en una aliada en la democratización de la literatura, promoviendo la inclusión de nuevos autores y diversificando la producción literaria. No obstante, para que ello ocurra de manera sostenible, es fundamental que se adopten políticas claras, garantizando que la tecnología funcione como un mecanismo de apoyo y no como un sustituto de la creatividad humana.

PALABRAS CLAVE: Industria editorial. Inteligencia artificial. IA. Mercado editorial.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre Inteligência Artificial (IA) remontam à década de 1950, quando cientistas, ao tentar simular o raciocínio humano, abriram esse campo de pesquisa. Desde então o avanço foi significativo, inclusive com afirmações, por parte de intelectuais e de figuras proeminentes no mercado tecnológico, de que as aplicações derivadas da IA poderiam substituir as pessoas em uma miríade de profissões, até mesmo naquelas onde predominam a criatividade e as emoções¹ (Harari, 2024).

Em que pesem os avanços tecnológicos recentes, o livro impresso não se extinguiu, não apenas sobrevivendo como também mantendo sua importância para a disseminação de ideias. Para sua produção, cabe destacar que é necessária uma série de profissionais que dominam saberes e habilidades variadas, desempenhando diferentes funções na indústria editorial (Haslam, 2010). Destas, as ligadas ao *design* e à produção textual relacionam-se diretamente com a criação.

1. Fala do prof. Yuval Harari na disciplina admirável futuro novo da pós-graduação em dinâmica global: geopolítica, gestão de riscos e oportunidades, PUCPR Digital, acesso em 7 de abril de 2025.

Assim, ao considerar como delimitação do tema a produção textual de viés literário, este artigo possui como questão norteadora: **Em que medida os impactos da Inteligência Artificial generativa nas funções da indústria editorial mais ligadas à produção textual (autoria e revisão)?**

Logo, como objetivo geral busca-se analisar os impactos da IA generativa nas funções criativas da indústria editorial, especificamente na autoria e revisão textual, considerando vantagens, desafios e transformações no setor.

Como os objetivos específicos almeja-se: (1) investigar como a IA generativa pode influenciar o processo de criação de conteúdo autoral, restrito à produção literária no presente estudo; (2) identificar possíveis questões éticas; e (3) identificar os efeitos da IA generativa na revisão textual, explorando sua capacidade de identificar erros, sugerir melhorias estilísticas e otimizar etapas do trabalho editorial.

No que diz respeito à relevância científica, esta investigação irá contribuir para a melhoria do processo de edição de livros, mapeando impactos dessa nova tecnologia e questões éticas subjacentes, bem como identifica lacunas no conhecimento. Sublinha-se, ainda, sob o ponto de vista social, que a pesquisa pode auxiliar na compreensão da dinâmica do mercado, viabilizando a realocação profissional, além de baratear a produção de livros, facilitando-lhes o acesso por amplas camadas da população.

A seguir, apresenta-se uma breve revisão da literatura sobre o tema, passando à descrição da metodologia de pesquisa utilizada. O próximo passo tratará sobre a discussão dos resultados, arrematando o artigo com uma conclusão, que trará recomendações acerca de novos campos de estudo.

REVISÃO DA LITERATURA

Um marco para o fenômeno da IA generativa foi o lançamento do *ChatGPT*, em sua primeira versão, da empresa *Open AI*, em 2018. Porém, foi a partir de 2020 que a ferramenta adquiriu os contornos atuais de produção de textos que soam mais naturais, com certo grau de sofisticação. Em 2025, o *ChatGPT* encontra-se na versão 4.5, com perspectiva de aprimorar tanto a criatividade quanto a produtividade da escrita.

Assim, para operacionalizar o presente estudo, e com base no termo: “funções na indústria editorial” cunhado por Haslam (2010), elaborou-se a *string*: “impactos da IA nas funções da indústria editorial”, a qual utilizou-se nas bases de dados, *Google Acadêmico* e *Scielo*, nas quais estipulou-se como critério de seleção, considerar publicações no período de 2020 a 2024. Destaca-se que a busca em ambas as bases de dados não retornou resultados. Logo, optou-se pela retirada das aspas. Dessa forma, na base de dados do *Google* geraram-se cerca de 16.660 resultados,

dos quais, até o limite das fontes consultadas, apenas os três primeiros estavam relacionados ao tema em pauta. Ainda assim, versavam sobre autopublicação, onde o autor acumula várias funções, geração de imagens por IA e abordagens específicas do aplicativo *TikTok*.

Do exposto, cabe destacar, Thompson (2013), que teorizou acerca da cadeia de valor do livro, o que origina a uma nova busca em que se utilizou a *String*: “inteligência artificial” e “mercado editorial”, a qual gerou 1.350 resultados. Destes, os mais significativos abordavam questões ligadas ao emprego de IA na análise de textos literários e criação de imagens, sugerindo aprofundamento nas pesquisas, haja vista a incipiente produção científica nesta área.

Partiu-se, assim de uma perspectiva panorâmica, Sotero, Coutinho e Bezerra (2024) realizaram um estudo cujo objetivo foi o de entender as alterações que ocorreram no mercado editorial brasileiro devido à influência das tecnologias emergentes, tanto as relacionadas ao suporte material para a leitura quanto à produção do texto, ou seja, no consumo e na produção de livros. Nesse sentido, os autores verificaram o potencial de expansão mercadológico nacional, haja vista que:

A Pesquisa Global de Entretenimento e Mídia 2022-2026, realizada pelo PwC Brasil, apontou o Brasil como um mercado promissor no crescimento de consumo de livros, com uma taxa de 2,5% frente a 1,2% no cenário mundial, fazendo o país se tornar o maior e mais rápido mercado de consumo de livros da América Latina. (Intersaberes, 2023 *apud* Sotero, Coutinho e Bezerra, 2023, p. 78).

A pesquisa apurou, ainda, uma demanda crescente por livros digitais, além da ascensão de novos gêneros literários, bem como o papel crucial dos *best-sellers* e autores de renome neste universo. Além disso, o reconhecimento da capacidade de inovação de ferramentas tanto de realidade aumentada e virtual, para uma maior imersão dos leitores, quanto da IA, vocacionada para a redação de textos literários.

Refletindo-se acerca desta pesquisa, considera-se a crescente demanda por livros, sendo que há nos leitores uma expectativa por inovação, esperando uma resposta do mercado editorial. A este respeito, a IA generativa encaixa-se bem, uma vez que ela remete à tecnologia, que carrega no imaginário popular intensa ligação com produtos inovadores.

Também usando uma lente que escrutina a tecnologia, Gonçalves *et al.* (2024) afirmam categoricamente que o livro é um objeto tecnológico. Assim, bifurcam estas tecnologias nos seguintes troncos: a produção do texto e o meio físico que viabiliza sua leitura.

Destaca-se, assim que à medida que avançou, o suporte foi evoluindo, passando da placa de argila ao rolo (*volumen*), em seguida ao códice e, finalmente, à digitalização, impactando o mercado editorial. Com a escrita não teria sido diferente,

os autores sustentam que o processo criativo textual sempre testemunhou intervenção humana, quer sejam nos textos manuscritos, nos impressos, ou, como atualmente, nos digitais. Prosseguindo em sua argumentação, afirmam que a IA produziria um texto híbrido, uma vez que seus algoritmos foram inventados por humanos, bem como seguem instruções também dadas por humanos, além de utilizar, em seu treinamento, material produzido por outras pessoas. No entanto, sem esgotar essa questão, é pertinente destacar casos, que indicam diferentes etapas da criação de livros: (1) autores que se utilizam da IA apenas para ajudar na escrita, mantendo o centro da narrativa no domínio de sua própria criatividade, sem uso de IA; (2) autores que apenas revisam o material produzido com a IA, que os ajuda em trabalhos de formatação; (3) utilização de IA em traduções, porém posicionam-se claramente a respeito da necessidade de tradutores humanos participarem no processo, devido a questões complexas de contextualização histórica e social que envolvem os textos e são importantes para a produção de significado mais preciso às traduções.

Portanto, na visão de Sotero, Coutinho e Bezerra (2024), assim como na de Golçalves *et al.* (2024) há um elemento humano significativo na produção textual mediada por IA, acima de tudo, um elemento que está presente nos leitores, reverberando o pensamento de Chartier (1999) de que cada geração leitora ampliaria as práticas de leitura, demandando abordagens diferentes, o que estimula a invenção de novas técnicas. Os pesquisadores sugerem uma tendência de parte considerável dos leitores atuais estar mais preocupada com a quantidade de obras do que com sua qualidade. Logo, em uma época de múltiplos estímulos, de várias mídias, onde o fenômeno da transmediação (Jenkins, 2006) por um lado amplia a possibilidade de leitura, por outro, a torna mais fragmentada. Ademais, há cada vez mais o apetite pelo novo e pela rapidez. Assim, o processo criativo tradicional não daria conta da aceleração requerida, o que torna a IA uma aliada na produção textual.

Considera-se relevante destacar a De Araújo (2021), que cita a obra seminal de Aristóteles, *Poética*, referência para roteiristas até hoje, afirmando que o filósofo grego “só foi capaz de identificar a estrutura narrativa típica de grandes obras dramáticas porque ele conhecia praticamente todas as tragédias da Antiguidade” (De Araújo, 2021, p. 18). Atualmente, seria impensável pretender conhecer a vasta quantidade de obras de ficção produzidas a fim de levantar elementos narrativos semelhantes. Entretanto, o autor propõe o uso de IA como solução, por meio da possibilidade de identificação de padrões de escrita que podem aprimorar a produção textual dos escritores contemporâneos. Indo além, traz uma pesquisa que analisou romances nacionais publicados entre 1965-1979; 1990-2004; e 2005-2014 na qual aponta para personagens principais que mostram pouca representatividade, bem como certa monotonia de temas, enredos, cidades, preocupações e narrativas.

Ademais, em outra pesquisa, De Araújo (2021) pontua a capacidade da IA em desvelar o padrão de construção de arcos narrativos com base nos sentimentos que determinadas palavras evocam nos leitores. Cabe, assim reforçar que o uso intensivo e indiscriminado de IA generativa para a produção textual poderia levar, a longo prazo, a certa padronização e perda de originalidade (Sotero, Coutinho e Bezerra, 2023). Tanto que De Araújo (2021) não advoga a substituição dos autores por IA, considera somente sua utilização como ferramenta de apoio, imprescindível atualmente.

Do exposto, observa-se, o potencial da IA generativa no aperfeiçoamento do processo de escrita criativa, o que auxilia os autores em diferentes estágios da criação, desde a prospecção de temas, construção de personagens e narrativas envolventes até a revisão textual. Ademais, cumpre um papel inclusivo, absorvendo mais autores que, sem o auxílio da IA, veriam seus textos parados em caixas de entrada dos responsáveis pela triagem e avaliação. Logo, a IA pode ter um papel relevante no mercado editorial, aproveitando mais autores, melhorando a qualidade de seus textos e respondendo à demanda dos leitores por rapidez e inovação tão presentes atualmente.

Ainda, em Oliveira (2024), o pesquisador com o objetivo de investigar o futuro da autoria de livros face ao advento da IA, traz a pauta, com base em Chartier (2020), de coexistência entre os suportes antigos e os atuais e lança a seguinte provocação quanto a autoria: “Os autores poderão coexistir com a IA?” (Oliveira, 2024, p.3). Através de uma pesquisa exploratória, em que indagou o *ChatGPT*, por onze dias consecutivos e na mesma faixa de horário com perguntas como: “(1) De que forma a IA pode auxiliar o mercado editorial livreiro?; (2) De que forma a IA pode prejudicar o mercado editorial livreiro?; e (3) Como o ChatGPT pode escrever uma história completa de uma obra literária?” (Oliveira, 2024, p. 3).

Em resposta à pergunta (1), o *ChatGPT* tomou a mesma linha de De Araújo (2021) ao responder que pode contribuir com a análise de grande volume de dados, automação de processos e realizar um conjunto de análises – sentimento, tendências, padrões de escrita – que poderiam melhorar a experiência do leitor.

Observou-se, neste caso particular, uma omissão importante: nada foi dito sobre ajuda a autores humanos. Em compensação, em resposta à pergunta (2), a IA apontou a concorrência com autores, manipulação da opinião pública, viés algorítmico, ou seja, reforçar o padrão de preferência dos leitores, o que pode prejudicar a diversidade, aumento da pirataria e do plágio.

Por fim, em relação à terceira pergunta, o *ChatGPT* alegou ter sido treinado com vasta amplitude de textos, incluindo os literários, considerando-se apto a produzir narrativas seguindo padrões e estilos comuns à produção textual literária, desde que

receba as informações para tanto (Oliveira, 2024). A autora destaca três pontos em seu estudo: (1) apesar da IA ser capaz de criar histórias únicas que não sejam plágio, esta não substitui a criatividade humana; (2) o viés algoritmo tem o potencial de retirar do mercado determinadas obras, prejudicando o acesso e a diversidade; e (3) a facilidade e celeridade na geração de textos pode levar à saturação do mercado, prejudicando autores, sobretudo os independentes (Oliveira, 2024). Indo além, considera-se que, à medida que esta tendência se consolide, haveria a possibilidade de excesso de padronização da produção literária, sufocando a criatividade. Ainda, a pressão por rapidez desvaloriza o tempo de pesquisa dos autores. Assim, urge “criar estratégias para que a autenticidade, a originalidade e a criatividade tornem-se um atrativo dentro da lógica comercial que se estabelecerá” (Oliveira, 2024, p. 6).

Assim, há um aspecto presente na literatura analisada até aqui: o problema ético da autoria dos textos, pois, afinal, qual seria a fonte pela qual a IA retira os elementos que se materializam nas sugestões de melhoria ou até mesmo em seus textos? Seriam originais os livros escritos inteiramente pelo *ChatGPT*, por exemplo? De acordo com o sugerido por Gonçalves *et al.* (2024), haveria um elemento humano presente, uma vez que o comando foi elaborado por uma pessoa. Oliveira (2024) cita Lucia Santaella (2023), que considera o desafio imposto pela IA à noção que o homem tem de si mesmo, indagando em que medida ela ajudaria o homem a se redescobrir. Nessa linha de raciocínio, questiona-se: seria lícito supor que, doravante, a originalidade e a criatividade estaria na elaboração do *prompt* que geraria a obra?

De Araújo (2021) aborda a problemática de forma precisa, trazendo questões jurídicas ligadas aos direitos autorais, visto que o algoritmo leitor estava lendo obras que não caíram em domínio público, sem consentimento e sem os devidos créditos aos autores. Assim, na visão predominante no meio editorial, os leitores algoritmos deveriam estar sujeitos às mesmas restrições que os leitores humanos. Em consonância, Gonçalves *et al.* (2024) cita uma carta aberta endereçada às grandes empresas de tecnologia, redigida pela maior associação de autores dos Estados Unidos da América, a *Author's Guild*, na qual os escritores exigem que seus trabalhos parem de ser usados de forma involuntária e que fiquem claras as fontes utilizadas, invocando os direitos autorais sobre eles. Como resultado, a *Amazon*, com vistas a promover maior transparência, passou a exigir em sua plataforma de autopublicação que os autores informem se houve a utilização de IA generativa, “obrigando que autores sigam diretrizes de conteúdo, como não utilizar materiais protegidos por direitos autorais” (De Martini, 2024 *apud* Gonçalves *et al.*, 2024, p. 9). Nesse ponto, também convergem tanto Oliveira (2024) quanto Sotero, Coutinho e Bezerra (2024) recomendando o aprofundamento das pesquisas em torno dos aspectos éticos e legais da utilização da IA no mercado editorial.

Dito isso, é possível verificar a efervescência do tema, que ainda carece de aprofundamento na pesquisa no tocante tanto aos impactos da IA nas funções da indústria editorial mais ligadas à produção textual (autoria e revisão), quanto das questões éticas subjacentes.

MÉTODO

A partir da revisão de literatura supracitada, emergiram questões relacionadas à interação entre as ferramentas disponíveis de IA e os autores de obras literárias. Com efeito, estas situam-se na busca por equilíbrio entre a eficiência e a originalidade que mitigue a tensão presente nos meios editoriais a respeito do incremento do papel da IA na produção textual, podendo eventualmente vir a substituir a criatividade natural completamente. De igual importância, problemas ligados aos direitos autorais demandam atenção.

Para Gil (2008), método é o caminho, o conjunto de procedimentos adotados para atingir a meta do conhecimento. Assim, a fim de investigar o problema apresentado, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, com objetivo de estabelecer relação entre as variáveis envolvidas, levantando as opiniões de uma população (Gil, 2008), que, no caso, seriam as ferramentas de IA generativas disponíveis no momento.

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizou-se, em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica, que contemplou capítulos de livros e artigos científicos, a fim de familiarizar-se com o campo de estudos e delinear o prosseguimento da pesquisa, em que como técnica de coleta utilizou-se um questionário destinado a 3 bases de IA.

Assim, antes da elaboração das perguntas propriamente ditas, definiu-se como universo da população os *softwares* de IA generativas existentes no mercado atualmente, sendo que utilizou-se como amostra não probabilística por acessibilidade, três programas de IA mais populares: *ChatGPT* da *Open AI*, *Gemini* do *Google* e *Copilot* da *Microsoft*. Para as quais é possível apontar uma limitação na pesquisa, pois as versões utilizadas foram as gratuitas, o que, apesar de aprofundarem as questões, não foram as mais completas.

Adotou-se três perguntas abertas. Foram elas: (a) Você considera que a IA generativa poderá substituir completamente os humanos em funções ligadas à produção textual no mercado editorial? Caso isso ocorra, você considera que esta prática seja sustentável no longo prazo?; (b) Como a inteligência artificial generativa pode equilibrar eficiência e criatividade na produção textual literária sem comprometer a originalidade, o acesso e a diversidade das obras?; e (c) Quais

seriam os desafios éticos e jurídicos da utilização da IA generativa concernentes aos direitos autorais dos textos produzidos?

Dessa forma, avaliou-se que a pesquisa descritiva, com abordagem e técnica de análise dos dados qualitativa, que usou como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica aliada à aplicação de um questionário aberto destinados às ferramentas de IA generativas mais populares em uso fosse o desenho de pesquisa que permitisse explorar ao máximo o conteúdo das respostas, possibilitando descrição mais precisa da relação entre as variáveis ligadas ao problema de pesquisa.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir do método acima descrito, descreve-se brevemente o experimento propriamente dito, abrindo em sequência as janelas do *ChatGPT*, *Copilot* e *Gemini*, nesta ordem, em que se digitou no local destinado a pergunta, as questões supracitadas, sem qualquer outra indicação, de forma que as IAs ficassem livres para responder às perguntas, cuja transcrição e análise segue-se abaixo.

Pergunta (a):

Você considera que a IA generativa poderá substituir completamente os humanos em funções ligadas à produção textual no mercado editorial? Caso isso ocorra, você considera que esta prática seja sustentável no longo prazo?	
ChatGPT	É improvável que a IA generativa substitua completamente os humanos em funções de produção textual, pois a produção textual envolve nuances de criatividade, empatia, contexto cultural e compreensão de emoções humanas, que a IA ainda não replica totalmente. A voz única e o estilo pessoal de um autor são difíceis de imitar por algoritmos. A dependência excessiva de IA pode levar à homogeneização do conteúdo, reduzindo a diversidade e originalidade, e impactando a qualidade. A interação humana e a crítica literária também seriam afetadas. A coexistência entre IA e humanos, com a IA atuando como ferramenta para otimizar processos, gerar ideias e auxiliar na edição, é o caminho mais viável e sustentável.
Copilot	A IA generativa já transforma a produção textual, mas a substituição completa é complexa, pois a escrita envolve criatividade, subjetividade e interpretação cultural, aspectos humanos exclusivos. A sustentabilidade de um modelo totalmente automatizado dependeria de fatores como o impacto na autenticidade e diversidade, pois a IA se baseia em padrões existentes e pode ter dificuldade em inovar ou capturar nuances culturais. Questões éticas como direitos autorais e transparência na autoria precisariam ser resolvidas. A recepção do público, que valoriza a escrita humana pela singularidade, também é crucial, e poderia haver resistência, prejudicando a viabilidade a longo prazo. A coexistência entre IA e humanos, com a tecnologia como ferramenta de apoio, é o cenário mais provável para um mercado sustentável e dinâmico.

Gemini	É improvável que a IAG substitua completamente os humanos em todas as funções de produção textual no curto e médio prazo. A IA gera textos gramaticalmente corretos, mas carece de criatividade e originalidade genuínas, experiências de vida, emoções, intuição e capacidade de inovação disruptiva. Textos que exigem voz autêntica, narrativa profunda, ironia, humor ou insights humanos ainda dependem do autor. A IA tem dificuldade em captar nuances culturais, referências implícitas e adaptar a escrita com sensibilidade. A curadoria e o julgamento crítico humanos são essenciais para garantir factualidade, ética e qualidade. A IA tem desafios com temas sensíveis e a construção de autoridade e confiança com o leitor. O cenário mais provável é a colaboração entre humanos e IA, com a IA auxiliando em tarefas como geração de ideias, otimização de SEO, revisão básica, adaptação de conteúdo e pesquisa. A dependência exclusiva da IAG a longo prazo levanta questões de sustentabilidade, como perda de diversidade e originalidade (padronização e «fadiga de conteúdo»), questões éticas e de autoria (responsabilidade por erros e credibilidade), desvalorização da criatividade humana, impacto no mercado de trabalho, custos computacionais e impacto ambiental, e limitações intrínsecas da IA como “alucinações” e vieses. O futuro mais promissor é a colaboração inteligente entre humanos e IA.
---------------	---

Quadro 2 – Respostas à pergunta (a)

Fonte: ChatGPT, Copilot, Gemini, 2025.

Isto posto, verifica-se que as respostas convergem para a improbabilidade de substituição completa da criatividade humana na produção textual, por motivos ligados à subjetividade, compreensão de emoções e diferenças culturais sutis, que escapam às capacidades atuais das ferramentas de IA. Além disso, o próprio estilo de determinados autores apresenta grau de sofisticação que os torna difíceis de serem reproduzidos por algoritmos. Logo, o resultado aponta para a coexistência, conforme a análise de Oliveira (2024).

Outro aspecto ressaltado apenas pelo *Gemini* (2025) é o da percepção de desconfiança do público com relação aos textos produzidos exclusivamente por IA tendo em vista possíveis “alucinações”, vieses e falta de originalidade, o que suscita questões éticas e jurídicas que serão abordadas na terceira pergunta. Dessa forma, infere-se que a escrita criativa humana ainda é muito valorizada, remetendo à autoridade e confiança.

Por fim, a substituição completa do elemento humano, e da diversidade cultural que lhe é próprio, levaria a uma certa padronização de conteúdos, já que, por sua natureza, a IA trabalha com padrões pré-estabelecidos, apresentando limitações no tocante à inovação. Assim, no longo prazo, a IA perderia sua “inspiração” oriunda da criatividade natural, causando o que o *Gemini* (2025) aponta como “fadiga de conteúdo”.

Em que pese a expectativa de que a autoria humana seja insubstituível, as respostas mostram que as ferramentas de IA fazem parte da realidade atual, com remotas possibilidades de desaparecimento. Ou seja, há que se achar formas saudáveis de coexistência, como busca-se abordar na próxima pergunta.

Respostas à pergunta (b):

Como a inteligência artificial generativa pode equilibrar eficiência e criatividade na produção textual literária sem comprometer a originalidade, o acesso e a diversidade das obras?	
ChatGPT	A IA pode equilibrar eficiência e criatividade atuando como ferramenta de suporte para autores, oferecendo sugestões de enredos, diálogos ou desenvolvimento de personagens, o que estimula a criatividade do escritor mantendo sua voz única. Pode ajudar a gerar conteúdo personalizado ao analisar preferências e tendências dos leitores, atendendo a nichos e garantindo diversidade nas obras. A otimização de tarefas repetitivas, como revisão gramatical ou formatação, permite que escritores se concentrem em aspectos mais criativos. A colaboração criativa entre escritores e algoritmos pode combinar a criatividade humana com a capacidade de geração de ideias da IA. A IA pode ampliar o acesso à literatura, facilitando que escritores de diversas origens criem e publiquem suas obras mais facilmente. Pode oferecer feedback em tempo real para ajustes de histórias com base nas reações do público. É crucial programar a IA para valorizar a originalidade e a ética, com mecanismos de controle para evitar plágio.
Copilot	A IA pode ser uma grande aliada na produção literária se usada de maneira estratégica. Ela pode atuar como assistente criativo, oferecendo sugestões de desenvolvimento de enredo, construção de personagens e refinamento de estilo, impulsionando a produtividade mas mantendo a visão artística única do escritor. Pode fomentar a diversidade ao ser treinada para reconhecer e valorizar múltiplas perspectivas, ajudando a evitar vieses e ampliar a inclusão de narrativas de diferentes comunidades, sendo essencial a supervisão humana. Facilita o acesso à literatura ao gerar resumos, traduções e adaptações, tornando obras mais compreensíveis e disponíveis a diferentes públicos, contribuindo para a inclusão. Preserva a originalidade ao auxiliar na revisão textual e no aprimoramento da escrita sem substituir a sensibilidade humana, evitando produções genéricas. Estimula a inovação literária com algoritmos capazes de gerar textos experimentais, ajudando escritores a explorar novas estruturas e técnicas criativas. É fundamental que os textos gerados por IA sejam claramente identificados e que autores tenham controle sobre seu uso, mantendo a confiança dos leitores.
Gemini	A IAG pode equilibrar eficiência e criatividade potencializando a criatividade humana, atuando como ferramenta de brainstorming e coautoria para gerar ideias, sugestões de enredo e diálogos. Ajuda a superar bloqueios criativos, permite a experimentação de estilos e gêneros, e auxilia na organização de mundos ficcionais complexos. Para preservar a originalidade e autoria, o autor deve focar na curadoria e edição final, moldando e dando profundidade à obra, mantendo a “alma” do autor. É crucial a transparência sobre o uso da IA e o treinamento em dados diversificados e com curadoria para evitar vieses e textos genéricos. A IA pode ampliar o acesso à literatura, reduzindo barreiras para autores emergentes, e facilitando a criação de conteúdo em diferentes idiomas e formatos. Promove a diversidade ao explorar vozes e perspectivas sub-representadas, gerar variações de cenas, desconstruir clichês, e criar novas formas de interatividade e leitura. Desafios incluem o viés dos dados de treinamento, a qualidade versus quantidade de obras, questões de direitos autorais e remuneração, e a manutenção da “faísca humana” na criação.

Quadro 3 – Respostas à pergunta (b)

Fonte: ChatGPT, Copilot, Gemini, 2025.

O questionamento reflete a tentativa de encontrar formas de utilização legítima da IA, não como meio de substituição, porém como ferramenta que impulse a produção textual, resguardando a originalidade da autoria. Dessa forma, as

respostas trazem a possibilidade de emprego da IA como uma espécie de “assistente criativo” (*Copilot*, 2025), por meio da identificação e estruturação do arco narrativo, das características dos personagens, o delineamento das interações entre eles por meio do aprimoramento dos diálogos, inclusive, como aponta De Araújo (2021), incluindo palavras e estruturas frasais que despertem emoções nos leitores com maior precisão. A construção de modelos gráficos, ao mobilizar também a memória visual, seria de grande ajuda para que os escritores pudessem conceber histórias que prendam a atenção do leitor. Ainda, a IA poderia compilar as reações em tempo real do público, sendo valiosa como instrumento de *feedback* para autores que optem pelo modelo de publicação seriada, onde a parte subsequente depende das reações ao segmento anterior.

Outra maneira de uso, que foi abordada de forma mais precisa pelo *ChatGPT* (2025), seria a de otimizar as ações repetitivas dentro do processo criativo, liberando o tempo e a energia do autor para aquilo que mais agrega valor ao texto, ou seja, sua criatividade. Nesse contexto, ações como revisão gramatical, escolha de fontes, espaçamento, paleta de cores, bem como a formatação do texto poderiam ser delegados à IA, mediante cuidadosa escrita de *prompts* adequados.

Quanto ao acesso e à diversidade, tanto o *Copilot* (2025) quanto o *Gemini* (2025) realçam as possíveis contribuições no sentido de ampliar a circulação de resumos, adaptações, além de traduções, facilitando também a inclusão de autores emergentes, auxiliando-os a superar as barreiras de entrada no mercado editorial, sendo uma delas outros idiomas (*Gemini*, 2025). As três IA destacaram o papel de estímulo à diversidade, por intermédio da experimentação de estilos e gêneros, por meio da análise de preferências e tendências, mapeando nichos e reduzindo o risco dos escritores ao tentarem satisfazer públicos específicos e mais exigentes (*ChatGPT*, *Copilot*, *Gemini*, 2025).

Logo, um ponto que chamou a atenção foi a ênfase que todas as fontes consultadas puseram na necessidade de revisão do conteúdo por olhos humanos a fim de assegurar originalidade, dialogando com a primeira questão da pesquisa. Além disso, o *Gemini* (2025) sublinha o tema da transparência sobre o uso, com o *Copilot* (2025) indo mais além, afirmando expressamente que a clara identificação de que um texto usou IA manteria a confiança dos leitores. Assim, deduz-se que seria de bom alvitre a indicação pormenorizada de como e em que nível a IA foi utilizada no processo criativo.

Cabe ainda salientar que o *ChatGPT* (2025), por sua vez, aborda uma ideia interessante, que trata de “programar a IA para valorizar a originalidade e a ética, com mecanismos de controle para evitar plágio”, anseio compartilhado por todos

os pesquisadores mencionados na revisão de literatura, o que remete à próxima pergunta abaixo.

Respostas à pergunta ©:

Quais seriam os desafios éticos e jurídicos da utilização da IA generativa concernentes aos direitos autorais dos textos produzidos?	
ChatGPT	Os desafios éticos e jurídicos incluem: 1. Autoria e Propriedade: É um dos maiores desafios determinar quem detém os direitos autorais sobre textos gerados por IA, levantando questões sobre se o criador do algoritmo, o usuário da IA ou a própria IA são os autores. 2. Plágio e Originalidade: A IA pode produzir conteúdo semelhante a obras existentes devido ao treinamento em grandes volumes de texto, levantando preocupações sobre plágio e a originalidade dos textos gerados, e como evitar a reprodução inadvertida de trechos protegidos. 3. Responsabilidade Legal: Em caso de infração de direitos autorais por um texto gerado por IA, a definição de responsabilidade (desenvolvedor do software, usuário, ou a própria IA) ainda é um campo nebuloso. 4. Licenciamento de Dados: O uso de textos protegidos por direitos autorais para treinar modelos de IA levanta questões sobre a legalidade da utilização desses dados e a necessidade de acordos de licenciamento. 5. Direitos Morais: Além dos direitos patrimoniais, os direitos morais (como o direito à paternidade e à integridade da obra) também devem ser considerados quando uma IA gera um texto. 6. Transparência e Rastreabilidade: A falta de transparência nos processos de geração de texto da IA pode dificultar a rastreabilidade de fontes, tornando mais difícil a verificação de originalidade e o cumprimento de direitos autorais. 7. Impacto no Mercado Editorial: A proliferação de conteúdo gerado por IA pode levar à desvalorização do trabalho humano no setor editorial, afetando autores e criadores que dependem dos direitos autorais para sua subsistência.
Copilot	Os principais desafios éticos e jurídicos são: 1. Autoria e propriedade intelectual: Definir quem detém os direitos sobre um texto gerado por IA, já que a legislação atual reconhece apenas autores humanos. 2. Uso de conteúdos protegidos: IAs treinadas com grandes volumes de dados, incluindo textos protegidos, podem levar à reprodução não autorizada de trechos, levantando questões sobre violação de propriedade intelectual. 3. Originalidade e criatividade: Textos gerados por IA podem ser considerados meras combinações de conteúdos pré-existentes, dificultando sua classificação como criações genuínas. 4. Transparência e ética: A falta de transparência sobre como os modelos de IA são treinados e suas fontes gera preocupações éticas, sendo essencial a clareza e o reconhecimento dos criadores originais. 5. Regulamentação e adaptação legal: As leis de direitos autorais ainda não estão totalmente adaptadas para a IA generativa, exigindo discussões sobre como equilibrar inovação e proteção dos criadores. 6. Impacto no mercado editorial: Se textos gerados por IA forem amplamente utilizados sem regulamentação, pode haver impactos negativos na remuneração de escritores e jornalistas, além de desafios na preservação da diversidade cultural e da autenticidade das obras.

Gemini	Os desafios éticos e jurídicos nos direitos autorais são complexos, pois as leis foram desenvolvidas para criação humana. Desafios Éticos: 1. Autoria e Criatividade Humana: A principal questão ética é determinar quem detém a autoria de uma obra gerada por IA (programador, usuário ou a própria IA), pois a legislação brasileira define “autor” como pessoa física, criando um vácuo legal. Há preocupação com a desvalorização da criatividade humana. 2. Transparência e Divulgação: Deveria ser obrigatório informar o uso de IA. As “alucinações” e informações falsas da IA geram problemas éticos e legais de autoria e responsabilidade. 3. Viés e Discriminação: A IA pode replicar preconceitos dos dados de treinamento, gerando conteúdo discriminatório, o que é um grande desafio ético. 4. Plágio e Violação de Direitos Morais: Há risco de a IA emular estilo ou reproduzir partes de obras protegidas, configurando plágio. A aplicação dos direitos morais do autor (paternidade, integridade) a obras geradas por IA é complexa. Desafios Jurídicos: 1. Qualificação Jurídica da Obra Gerada por IA: A maioria das legislações exige que a obra tenha “criação do espírito” ou originalidade humana. Obras sem intervenção criativa significativa podem não se qualificar para direitos autorais, como expresso pelo US Copyright Office. É crucial definir o nível de intervenção humana necessário para a autoria. 2. Infração de Direitos Autorais no Treinamento da IA: O uso de obras protegidas para treinamento da IA levanta a questão se isso constitui violação de direitos autorais. A aplicabilidade do “fair use” nos EUA ou “limitações/exceções” no Brasil e Europa é disputada. Se o texto gerado pela IA violar direitos autorais, a responsabilidade (usuário, desenvolvedor ou ambos) é incerta. 3. Titularidade dos Direitos Patrimoniais: Se a obra for protegível, quem deteria os direitos patrimoniais (usuário, desenvolvedor ou proprietário da plataforma)? Termos de uso que atribuem direitos ao usuário podem ser contestados. 4. Jurisdição e Harmonização Internacional: As abordagens legais variam entre países, criando incerteza jurídica. 5. Regulamentação e Legislação Futura: Há necessidade de novas leis para definir autoria, responsabilidade e proteção de direitos autorais para obras com o auxílio ou pela IA. O Projeto de Lei do Marco Legal da IA no Brasil (PL 2.338/2023) está em discussão, mas sem solução definitiva para direitos autorais. A resolução desses desafios exigirá esforço conjunto para encontrar soluções equilibradas.
Gemini	

Quadro 4 – Respostas à pergunta (c)

Fonte: *ChatGPT, Copilot, Gemini*, 2025.

Assim, chega-se à conclusão de que os desafios éticos e jurídicos advindos do uso da IA na produção textual poderiam ser categorizados em: definição da autoria; rastreabilidade e justa remuneração aos criadores originais e transparência.

Atualmente, define-se o autor, juridicamente, como a pessoa física que, mobilizando seu espírito, cria uma obra literária, artística ou científica (Lei nº 9.610/98, BRASIL, 1998). Ocorre que, com o advento da IA, quem seria o autor? O programador que criou o algoritmo? O usuário que idealizou o comando para gerar determinado texto? Ou a própria IA? Tomado o marco jurídico em vigor, esta última já estaria fora da lista, uma vez que não se constitui em pessoa física dotada de espírito próprio (*ChatGPT, Copilot, Gemini*, 2025). Entretanto, a própria ABNT, ao menos para trabalhos científicos, determina o registro dos textos produzidos por IA grafando o nome da respectiva ferramenta, por exemplo *ChatGPT* (2025), o que

pode ser interpretado como autor da obra. Assim, como assegurar os direitos morais devidos aos criadores? E não só os direitos, mas como ficaria a responsabilização diante de conteúdos que incorram em discurso de ódio ou de viés discriminatório?

Quanto à rastreabilidade e remuneração justa dos criadores originais, nem sempre as ferramentas de IA, pelo menos em seu estado atual, são precisas na indicação das fontes de onde retiraram seus textos. Partindo da premissa de que a IA combina dados já existentes, utilizados em larga escala para seu treinamento, percebe-se um problema no que concerne ao crédito devido ao criador original. Logo, há que se assegurar a justa remuneração aos que contribuíram para a produção textual da IA, ainda que esta tenha um caráter difuso. Dessa forma, como aponta o *ChatGPT* (2025), há a necessidade de se estabelecer acordos de licenciamento. Uma maneira de mitigar o problema seria a adoção de modelo semelhante ao que ocorre com a reprodução de obras musicais, onde o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) se responsabiliza pela arrecadação e distribuição dos direitos autorais.

Com relação à transparência, não há a prática de indicação da utilização das ferramentas de IA generativa nas obras, o que deixa o leitor em dúvida. Diante do avanço do emprego desse tipo de *software*, sedimenta-se aos poucos um ambiente onde paira dúvida acerca da legitimidade da produção textual, ainda que parcela dos leitores não esteja preocupada com a questão.

Conclui-se, assim que, somados, os desafios acima, comprometem a sustentabilidade do mercado editorial no longo prazo, visto que os autores, não conseguindo equiparar a rapidez e precisão da IA, vão sendo paulatinamente afastados da atividade. Sem criatividade natural, há a tendência de que a literatura vá se tornando mais do mesmo, ferindo a originalidade e a diversidade, sufocando o mercado editorial.

Por fim, destaca-se a obra “As Leis” de Platão (2021) em que ocorre uma preocupação com um modelo prático, exequível de governo, que leve em conta tanto as limitações humanas quanto as necessidades reais da sociedade. O filósofo reconhece a existência da propriedade privada, recomendando limites para evitar desigualdades, tocando ao Estado a administração da justiça por meio de legislação equilibrada. Diante do material analisado nesta pesquisa, parece haver consenso entre todas as fontes consultadas acerca da necessidade de regulação do tema em tela. Portanto, seguindo o ideal platônico, sugere-se que quaisquer normas a respeito do uso de IA na produção textual literária sigam os seguintes princípios: (1º) que seja considerado como autor aquele que toma a iniciativa, idealiza, planeja e, enfim, cria a obra; (2º) obrigatoriedade de indicação clara do uso de IA descrevendo como se deu e em que fase do processo editorial tal ocorreu. Por exemplo, neste artigo, a

IA foi utilizada como fonte de consulta, mecanismo de busca avançado, assistente para a preparação dos quadros resumo. Não houve participação na escrita a não ser a revisão ortográfica e gramatical do texto final; e (3º) citação precisa das fontes, com garantia de referência justa aos criadores originais.

CONCLUSÃO

Cada vez mais a IA generativa torna-se comum no cotidiano das pessoas, o que provoca mudanças em vários aspectos da vida, impacta os mercados, inclusive o editorial. Porém o que, após esta pesquisa é possível concluir é que a IA não substitui por completo a criatividade humana para a Produção textual. Tampouco será possível prescindir do auxílio proporcionado pelas ferramentas de IA na escrita, visto a influência que estas já exercem no meio editorial. Ou seja, há que se desenvolver estratégias de coexistência.

Tais formas de emprego tornam-se vitais, principalmente em um mercado em crescimento, ávido por leitura, com parcela dos leitores priorizando rapidez à qualidade. Logo, verifica-se o pleno uso de IA para as fases consideradas mais repetitivas, de revisão gramatical e ortográfica, bem como para a formatação de textos, podendo avançar também na escolha de fontes, espaçamento e paleta de cores. Já na fase do processo mais ligada à criatividade, a IA pode ser útil como assistente avançado de escrita, propondo estilos, nuances nos diálogos, analisando grande volume de dados a fim de identificar padrões dos leitores e antecipar tendências.

Esta análise revela, que, embora a IA facilite processos e aumente o acesso à literatura, sua crescente influência pode levar a uma homogeneização dos textos, resultando em uma “fadiga de conteúdo” que, a longo prazo, pode vir a comprometer tanto a diversidade quanto a inovação no mercado editorial. Assim, considera-se essencial que sejam desenvolvidos mecanismos que preservem a autenticidade das obras, incentivando uma abordagem equilibrada no uso dessas ferramentas.

Além disso, este estudo ao delinear os desafios éticos e jurídicos, aponta para o consenso em torno da necessidade de regulamentação que acompanhe a rápida evolução da IA. Faz-se, portanto, necessário um debate acerca da autoria, da transparência no uso dessas ferramentas, além da identificação precisa das fontes, de forma a assegurar a justa remuneração da criatividade, quer sob o ponto de vista do prestígio, quer sob o aspecto pecuniário, garantindo transparência no uso dessas tecnologias e protegendo os direitos autorais dos criadores originais.

Por fim, esta pesquisa demonstra que, se bem utilizada, a IA pode se tornar uma aliada na democratização da literatura, promovendo a inclusão de novos autores e diversificando a produção literária. No entanto, para que isso ocorra de forma

sustentável, é fundamental que diretrizes transparentes, normas explícitas, princípios nítidos, regras compreensíveis, orientações objetivas ou estratégias definidas que foquem na transparência, objetividade e facilidade de entendimento, sejam adotadas, garantindo que a tecnologia sirva como um mecanismo de suporte, e não de substituição da criatividade humana. Dessa forma, espera-se que a cooperação prevaleça sobre a competição, beneficiando as partes envolvidas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm. Acesso em: 6 jun. de 2025.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHATGPT. Resposta gerada por inteligência artificial. Disponível em: <https://chat.chaton.ai/my/chats/A2SrbIwEYrIOWdorbfjJ7>. Acesso em: 30 mai. 2025.

COPILOT. Resposta gerada por inteligência artificial. Disponível em: <https://copilot.microsoft.com/chats/zBq7UXqy34Yber1L8Nx36>. Acesso em: 30 mai. 2025.

DE ARAUJO, Marcelo. **Inteligência artificial na análise de textos**. Revista do Clube Naval, v. 1, n. 397, p. 20-25, 2021.

GEMINI. Resposta gerada por inteligência artificial. Disponível em: <https://gemini.google.com/app/cfb4cd19ebe0f5c1?hl=pt-BR>. Acesso em: 30 mai. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, M.; MORAES, A.; NASCIMENTO, C.; SOUZA, J.; GOMES, M.; VIEIRA, T. **Autor-IA: o uso de Inteligência Artificial generativa no universo editorial**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Univali, 2024. Disponível em: chrome:extension://efaidnbmnmbpajpcglclefindmkaj/https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/10072024152021670426650847f.pdf. Acesso em 14 mai. 25.

HARARI, Yuval N. **Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Companhia das letras, 2024.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros** / 2. ed. São Paulo: Rosari, 2010.

OLIVEIRA, Danusa. **O futuro da autoria de livros frente a Inteligência Artificial**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Univali, 2024. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/07202024232612669c71c491711.pdf> acesso em 15 mai. 25.

PLATÃO. **As Leis**, ou da legislação e epinomis. Tradução de Edson Bini. Bauru: SP. Edipro, 1999.

SOTERO, P.; COUTINHO, F.; BEZERRA, L. **Além do papel: transformação digital e o impacto no mercado editorial**. NAMID/UFPB: ANO XX. N. 10. OUTUBRO/2024. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index> acesso em 15 mai. 25.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura: o mercado editorial no Século XXI**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.